

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Daniela Schmitt

**SER PROFESSORA DE BEBÊS:
composições que envolvem a profissão**

Porto Alegre
2019

Daniela Schmitt

**SER PROFESSORA DE BEBÊS:
composições que envolvem a profissão**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Albuquerque

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

Fica aqui o registro formal de agradecimento às pessoas que marcaram minha trajetória durante o curso de graduação, bem como no período de elaboração deste trabalho. É com carinho que agradeço por contribuírem para a conclusão desta etapa tão intensa da minha vida.

Primeiramente à minha mãe, que é meu alicerce. Obrigada por inspirar-me como mulher e por encher-me de amor!

Ao meu pai que, à sua maneira, apoiou-me e incentivou-me.

Aos meus avós que, mesmo de longe, emanam afeto e carinho.

Ao Patrick, meu companheiro de vida, que demonstra seu amor em cada gesto. Obrigada pela parceria e pela compreensão nesta caminhada.

À Simone, que me acolheu como orientanda. Obrigada por conduzir-me com tamanha leveza e ensinar-me tanto.

À minha amiga Carol, parceira durante o curso de graduação. Fica aqui meu agradecimento pelos momentos de troca e de acolhida.

Às professoras entrevistadas. Obrigada por dividirem comigo suas experiências.

Às professoras que tive o prazer de acompanhar e de auxiliar, impossível nomear todas, que me inspiram como profissional.

Aos professores do curso de graduação, em especial ao Rodrigo, que me ensinou a acreditar e a confiar nas potencialidades das crianças. Obrigada pelas aulas cheias de energia!

Um agradecimento especial à Handressa, que abraçou minhas angústias durante o curso de graduação e aconselhou-me com tantas palavras de conforto.

E, por fim, à todas as crianças que me constituíram professora em minha trajetória de formação.

RESUMO

Este trabalho tem como tema principal o estudo da docência com bebês. A questão norteadora da pesquisa está relacionada à compreensão de quais são as composições que envolvem a profissão professora de bebês. O objetivo central da pesquisa é a reflexão sobre os aspectos constitutivos da docência com bebês. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, o estudo deu-se a partir de bibliografias de pesquisadores que produziram e teorizaram sobre a temática, como Tristão (2004), Barbosa (2010), Richter (2010), Duarte (2011), Filho (2013) e Fochi (2013). Também compõem esta pesquisa, entrevistas semi-estruturadas realizadas com três professoras de bebês e crianças pequenas. São três os eixos de análise que surgiram com este estudo, tendo em vista as composições que envolvem a profissão professora de bebês, são eles: a importância do vínculo para a docência, construído através de relações afetivas entre a professora e a criança; a família como parte integrante da docência; e, por fim, questões relacionadas à profissão professora de bebês. Concluiu-se que cabe à docência com bebês embarcar em um espaço de invenção, onde há o desafio de construir uma pedagogia específica para os pequenos, e que os três eixos de análise podem compor a docência com os bebês.

Palavras-chave: Docência. Bebês. Educação Infantil.

SUMÁRIO

1.	A ESSÊNCIA DO INTERESSE: EXPERIÊNCIAS QUE MOBILIZAM.....	6
1.1	O PLANO DE TRABALHO.....	7
2.	UMA COMPOSIÇÃO DE REFERÊNCIAS.....	9
2.1	MAS DE QUE CRIANÇA ESTAMOS FALANDO?.....	13
3.	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	15
4.	“O PRINCIPAL É O VÍNCULO, É A AFETIVIDADE”: COMPOSIÇÕES DA DOCÊNCIA.....	20
4.1	CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO: RELAÇÕES COM O CUIDADO CONSCIENTE.....	20
4.2	IMPLICAÇÕES DE AÇÕES CONSCIENTES: SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA.....	22
5.	“OS DESAFIOS DESTE TRABALHO SÃO AS FAMÍLIAS”: RELAÇÕES QUE COMPÕEM A DOCÊNCIA.....	25
5.1	CONCEPÇÕES DA FAMÍLIA X CONCEPÇÕES DA ESCOLA.....	25
5.2	ESTRATÉGIAS QUE VISAM O DIÁLOGO DE CONCEPÇÕES.....	27
5.3	INDISSOCIABILIDADE ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA.....	28
5.4	INFLUÊNCIA DIRETA DA FAMÍLIA NO TRABALHO DA PROFESSORA: O TRABALHO COM OS PAIS.....	30
6.	É PRECISO “ERGUER A BANDEIRA DA DOCÊNCIA COM OS BEBÊS”: DA CONSTRUÇÃO DA PROFISSÃO.....	33
6.1	APONTANDO CAMINHOS: EMBARCANDO EM UM ESPAÇO DE INVENÇÃO.....	34
6.2	O CUIDADO EMBARCA JUNTO: DA LUTA COLETIVA POR VALORIZAÇÃO.....	36
7.	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO 1.....	45
	ANEXO 2.....	47

1. A ESSÊNCIA DO INTERESSE: EXPERIÊNCIAS QUE MOBILIZAM

Ao longo do meu percurso acadêmico, sempre estive em sala de aula; no contato diário com as crianças, aprendi o quanto uma sala de aula pode ser dinâmica. Desde o início das minhas práticas, fui, sutilmente, interessando-me mais pelas turmas de bebês e de crianças bem pequenas, pude perceber em pouco tempo o quanto meu trabalho seria intenso fisicamente, mas também o quanto havia ali relações intensas das quais nunca tinha tido a oportunidade de vivenciar com crianças até então desconhecidas para mim.

A dinâmica dos grupos de bebês que tive o prazer de acompanhar deu-se das mais diversas formas, ora havia um grupo mais agitado, ora um que falava mais, mas, de modo geral, os bebês mostravam-se dispostos a utilizar o corpo para explorar, brincar e manifestar seus desejos e vontades. Mas há um aspecto que tem chamado-me atenção e mobilizado-me a pensar: o quanto o papel da professora como mediadora é importante em toda essa dinâmica diária do trabalho com os bebês e com as crianças bem pequenas.

O currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) apresenta uma única disciplina que trata especificamente da ação pedagógica com bebês, a qual realizamos uma prática pedagógica com duração de uma semana com a faixa etária de 0 a 3 anos. Ao final do curso, por escolha individual, realizamos o estágio obrigatório, com duração de um semestre, com a faixa etária de maior interesse. Meu estágio obrigatório foi em uma escola pública de Porto Alegre com a faixa etária de 2 para 3 anos e trago a seguir dois episódios para problematizar o tema de pesquisa deste estudo que é a docência com bebês.

Durante um momento de observação do meu estágio, presenciei a cena de uma menina que chorava muito, a turma estava agitada e a professora atendia um menino que acabara de vomitar, a monitora lavava as mãos das crianças para ir para o lanche. O choro da menina parecia agitar ainda mais o grupo que brincava em meio aos brinquedos espalhados pelo chão, contudo, a professora estava disposta a resolver o problema; com o menino no colo, abaixou-se e questionou para Ana o que havia acontecido, que não conseguiu acalmar-se e seguiu a chorar. A professora deu colo, conversou, procurou encontrar algo que interessasse Ana,

porém, nada adiantava. Após algum tempo, percebeu que o colete de pêlos que Ana estava usando estava pendurado fora do seu alcance; questionando a monitora, soube que foi retirado em acordo com Ana para lavar sua mão e, quando retornasse, colocaria novamente e foi então que a professora entendeu o motivo do choro: Ana apenas solicitava através do choro que o combinado fosse cumprido.

Outra cena muito presente em minha memória é de um menino que todo dia chegava em sala quando a turma já estava organizando-se para o lanche, após o momento de brincadeira. Gustavo era convidado para sentar com o grupo em roda, porém negava-se, chorava e fazia cara de brabo. A professora, em contato com a família, sugeriu que ele chegasse alguns minutos mais cedo, para que pudesse brincar antes do lanche com seus amigos e, a partir da observação e da parceria com a família, Gustavo passou a não resistir mais a participar da roda.

Nesses dois relatos, percebo as especificidades da ação docente que foram importantes para o coletivo. A docente, no primeiro relato, usou a observação para compreender o que Ana comunicava através do choro; no segundo relato, precisou estabelecer parceria, também a partir de um olhar atento, para que Gustavo tivesse seu tempo para brincar.

1.1 O PLANO DE TRABALHO

Diante do exposto, tenho como objetivo, a partir deste estudo, refletir sobre os aspectos constitutivos da docência com bebês. Com isto, o problema de pesquisa está relacionado à compreensão de quais são as composições que envolvem a docência com bebês, ou seja, o que é ser professora¹ de bebês?

Trago para reflexão essa temática, pois pude verificar, a partir da minha experiência em diferentes contextos escolares durante a graduação, que há um descompasso grande entre a importância e a valorização das profissionais que trabalham com bebês em sala de aula.

O fundamento teórico basilar dá-se a partir de Tristão (2004), Barbosa (2010), Richter (2010), Duarte (2011), Filho (2013) e Fochi (2013).

¹ Ao longo do trabalho, optou-se por utilizar a palavra professora, no feminino, devido ao fato das mulheres serem grande maioria na profissão, assim como as três professoras entrevistadas que participaram da pesquisa.

Este estudo tem como referência a abordagem qualitativa de pesquisa e é constituído por um levantamento de referências que tratam da temática da constituição da docência com bebês e com crianças pequenas, assim como a realização de entrevistas semi-estruturadas com três professoras que atuam com a faixa etária de 0 a 3 anos, para posterior análise e reflexão com o referencial teórico.

As três categorias que se destacaram entre os dados investigados e que se tornaram eixos de análise foram: a importância do vínculo para a docência, constituído através de relações afetivas entre a professora e a criança; a família como parte integrante da docência; e, por fim, o empoderamento da profissão professora de bebês, através da formação, para a valorização da área.

Frente ao exercício reflexivo de compreender a docência com bebês, foi possível observar o quanto as composições da profissão professora de bebês são complexas. Concluiu-se que cabe à docência com bebês embarcar em um espaço de invenção, onde há o desafio de construir uma pedagogia específica para os pequenos, e que os três eixos de análise podem compor a docência com os bebês.

2. UMA COMPOSIÇÃO DE REFERÊNCIAS

A partir da década de oitenta, muitas foram as modificações legais que corroboraram para o aumento significativo de crianças na faixa etária dos 0 aos 3 anos de idade em estabelecimentos de Educação Infantil. A começar pela Constituição Federal de 1988 que definiu como dever do Estado a garantia da oferta de Educação Infantil — pública, gratuita e de qualidade — para crianças de 0 a 6 anos, o que gerou aumento de creches e de pré-escolas. Dois anos após a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos, assegurando-as como sujeitos de direitos, modificando a forma de olhar as crianças que, a partir do Estatuto, passaram a ter “direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar” (FERREIRA, 2000, p.184). Foi em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que a Educação Infantil passou a constituir a primeira etapa da Educação Básica, com a finalidade de “promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

É importante destacar, de acordo com Barbosa (2010), que, mesmo após as modificações legais, ainda não é possível afirmar que há uma pedagogia específica para os bebês efetivada, a autora afirma que as singularidades das crianças de 0 a 3 anos ainda estão subsumidas ao desenvolvimento e também à educação das crianças mais velhas. Fúlvia Rosemberg (2013), em entrevista, também relata que os direitos da infância ainda dão pouca atenção aos bebês, ressalta a necessidade do diálogo e de pesquisas com a faixa etária de 0 a 3 anos no âmbito da educação.

Considerando o exposto acima, trago para reflexão os estudos de Fernanda Gonçalves (2014), que, em pesquisa sobre a produção científica recente no contexto da creche, evidenciou, em consulta ao banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), aumento no número de trabalhos que têm como tema de pesquisa os bebês nas distintas áreas disciplinares.

Em 2008 o banco apresentava 286 trabalhos registrados, no ano seguinte o número praticamente dobrou, totalizando 449 trabalhos.

Já em 2010 o número passa a ser 457, por fim em 2011, encontramos 490 trabalhos registrados (GONÇALVES, 2014, p. 170).

Após um refinamento de dados e eleição de palavras-chaves para localizar com mais rigor os trabalhos que tinham investigado as crianças de 0 a 3 anos no contexto da creche, a autora encontrou 48 trabalhos. Contudo, com a análise de 13 trabalhos, constatou que “as dissertações estabeleceram um significativo diálogo com os pressupostos da Psicologia, sobretudo, a Psicologia do Desenvolvimento” (GONÇALVES, 2014, p. 170), diferente da hipótese inicial de um possível aumento no número de trabalhos que tinham como pressuposto teórico a Sociologia da Infância.

Visando o movimento de valorização dos bebês na creche, há a necessidade de pensar uma proposta voltada para os bebês e para as crianças bem pequenas, pois, segundo Barbosa e Richter (2010), às especificidades das características da faixa etária fazem-nos enfrentar interrogações como: “De que maneira propor um currículo para crianças bem pequenas? Quais as estratégias consideradas adequadas ao trabalho pedagógico com crianças pequenas? O que significa ser professor ou professora de bebês?” (BARBOSA; RICHTER, 2010, p. 86).

Muitas são as dúvidas quando tratamos sobre a temática da escola da infância. Contudo, o presente trabalho versará sobre a última questão em específico, não com o objetivo de esgotar o tema, mas tendo em vista o exercício da reflexão sobre como constitui-se a docência com bebês e com crianças pequenas.

Maria Carmem Barbosa afirma que “educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo” (BARBOSA, 2010, p.5), ou seja, não podemos basearmos somente em documentos quando pensamos na prática educativa nas creches e nas pré-escolas. A autora afirma que:

Os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas para compreendê-los é preciso estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado (BARBOSA, 2010, p. 6).

Ou seja, “ser ativo entre quem é ativo” (RUSSO, 2008, p.163), doar-se no convívio diário, no estar junto, seja apenas pelo olhar ou pela presença ativa (LOBORUK; BARBOSA, 2017). Fica evidente até aqui que adotar uma postura de comprometimento e responsabilidade (BARBOSA, 2010) é fundamental quando se trata de ser professora de bebês e de crianças pequenas.

Algo indispensável, ainda dialogando com as autoras Loboruk e Barbosa (2017), é a busca constante por conhecimentos construídos na área, ambas afirmam que o abastecimento de informações acarreta na valorização da área, assim como a constante formação, pois “trabalhar com educação é conviver com pessoas, crianças, bebês e gerações, sabendo que estes nunca serão iguais” (LOBORUK; BARBOSA, 2017, p.63). Ou seja, uma professora de bebês precisa comprometer-se dentro e fora da sala de aula.

O autor Enzo Catarsi (2013), afirma que o docente que atua com bebês precisará adotar uma nova prática educativa, diferente das quais estamos acostumados. Conforme o autor, ela deverá ser constituída por três dimensões de competências: 1) competências culturais e psicopedagógicas; 2) competências metodológicas e didáticas; 3) competências relacionais.

Catarsi (2013) afirma que as três competências devem estar presentes de maneira equilibrada, contudo, a última deve ser considerada central na definição de profissão de educadora. O autor considera essencial o trabalho em equipe dos profissionais da escola, onde um coletivo age de maneira colaborativa, criando um clima de diálogo e de ajuda mútua.

Além de uma boa relação entre a equipe, é importante que, através de uma relação positiva, a educadora possa ter uma boa relação com as famílias também, superando uma postura de isolamento e acolhendo os pais para que se sintam parte também daquele contexto (CATARSI, 2013). Maria Carmem Silveira Barbosa também afirma que as famílias devem ser vistas como colaboradoras, como co-autoras do processo educacional e não apenas como usuárias de um serviço “pois é preciso sintonia quando se trata de educar uma criança pequena ou um bebê” (BARBOSA, 2010, p.4).

Fabiana Duarte (2011) também afirma que a profissão docente com bebês envolve relações e interações. A autora considera as relações como um princípio central da docência com bebês:

Se “ser professoras de bebês” é docência, chama-se a atenção para uma docência marcada por relações, já que esse é um princípio central do ser professoras de crianças pequenininhas. Por sua vez, essas relações se constituem através de dimensões educativas, que consolidam a especificidade da ação docente das professoras de bebês, sendo essas *a dimensão das relações de cuidado e a dimensão das relações corporais*. (DUARTE, 2011, p. 208, grifo da autora).

Quando a autora trata da *dimensão das relações de cuidado*, afirma a importância de resignificá-las, pois momentos como trocar fraldas, dar banho, alimentar ou fazer uma criança dormir são ações que constituem a docência com bebês. A *dimensão das relações corporais* requer algo a mais, ou seja, um corpo a corpo ativo, atentando os bebês para além das suas necessidades básicas, considerando que os bebês comunicam-se com seu corpo (DUARTE, 2011).

Tristão (2004) parte do entendimento de que a prática docente com bebês caracteriza-se pela sutileza das ações cotidianas, afirma também a importância do olhar atento do educador para desenvolver uma prática que respeite a criança, de acordo com a autora:

Essa sutileza está presente em atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, mas que revelam a importância do trabalho docente com bebês. Virar uma criança, colocá-la mais perto do grupo, perceber seus sinais corporais, estar atenta à temperatura ambiente para deixá-la com uma roupa confortável, cobri-la em um dia de frio e outras tantas ações podem fazer a diferença [...] para cada um daqueles meninos e meninas. (TRISTÃO, 2004, p.3).

Martins Filho (2013) define docência como uma atividade reflexiva, que deve caminhar junto com a prática, visando o entendimento e a valorização da complexidade do contexto com os bebês. Relata que a valorização da vida cotidiana, de tudo que parece secundário como, por exemplo, trocar, lavar e alimentar uma

criança, em uma sala de aula de bebês, é vital para um bom trabalho na escola da infância.

Barbosa (2010) também afirma que, quando tratamos da docência com bebês, não é possível separar o cuidar do educar:

A tarefa dessa pedagogia da pequeníssima infância é articular dois campos teóricos: o do cuidado e o da educação, procurando que cada ato pedagógico, cada palavra proferida tenha significado, tanto no contexto do cuidado – como ato de atenção aquilo que temos de humano e singular – como de educação, processo de inserção dos seres humanos, de forma crítica, no mundo já existente. (BARBOSA, 2010. p.6).

2.1 MAS DE QUE CRIANÇA ESTAMOS FALANDO?

Nesse sentido, é importante definir de que criança estamos falando, pois, conforme Barbosa e Fochi, “a forma como nos relacionamos com os outros depende da ideia que temos sobre quem é esse outro” (BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 60). Trago o que Loris Malaguzzi (1999) chama de imagem de criança como metáfora para exemplificar que é a partir da concepção de criança da professora que a docência será constituída “essa imagem de criança que, complementarmente, vai construindo a imagem de professor” (BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 61).

Elisete Mallmann (2015) apresenta-nos o conceito de Bebês-Potência, um bebê que deve ser visto como um ser carregado de potencialidades. Ter em mente a imagem de um bebê capaz faz pensar em adotar uma postura menos intervencionista no contexto com as crianças, pois é fundamental permitir momentos em que os bebês brinquem sozinhos, de maneira autônoma, “onde possam aprender por sua própria iniciativa” (FOCHI; CAVALHEIRO; DRECHSLER, 2016, p.302).

Pensar nessa professora presente no olhar, intervindo quando necessário, leva-nos a crer que:

A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento (BARBOSA; FOCHI, 2015, p.66).

É fundamental que a professora adote também uma postura de observadora, pois estará aproximando-se do modo como os bebês relacionam-se com o mundo e do modo como comunicam-se. Sabemos que não é pela palavra falada e, para isso, é preciso uma observação crítica, atenta e contínua das brincadeiras e das interações, com o objetivo de realizar uma análise posterior para pensar o planejamento (BARBOSA, 2010).

Richter e Barbosa (2010) afirmam que os bebês nascem falando através de múltiplas linguagens: do olhar, do gesto, do toque. Linguagens que, segundo as autoras, são esquecidas pelos adultos e, somente colocando-se na perspectiva do bebê, será possível relembrá-las.

Tendo em vista que “os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber” (RICHTER; BARBOSA, 2010, p.87), há a necessidade emergente de escutar as crianças (AGOSTINHO, 2018); segundo a autora, essa escuta ativa e sensível, compreendida para além da ação de ouvir, deve promover uma relação que valorize as contribuições das crianças para a sociedade.

A defesa é de uma pedagogia da Educação Infantil balizada em um projeto emancipatório e com uma concepção de criança como sujeito de direitos e ator social (AGOSTINHO, 2018, p. 162).

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Durante minha trajetória no Curso de Pedagogia, não tive nenhuma experiência com pesquisa, portanto, esse foi um dos desafios deste trabalho, inserir-me num processo de pesquisa. Nesse sentido, procuro descrever neste capítulo, minhas escolhas metodológicas e reflexões acerca de tornar-me uma “pesquisadora iniciante”.

Inicialmente, destaco minha escolha por uma abordagem qualitativa na pesquisa dialogando com as cinco características da investigação qualitativa descritas por Robert Bogdan e Sari Biklen (1997), são elas:

1. *Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal*, ou seja, há preocupação com o contexto, tendo em vista que “os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre” (p.48);

2. *A investigação qualitativa é descritiva* e os dados recolhidos não são em forma de números, mas sim de imagens e de palavras, que podem ser transcritas, por exemplo, de uma entrevista para posterior análise em toda sua riqueza. Isto é, “a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa” (p.49);

3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos*, questões acerca de “como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideramos ser o ‘senso comum’?” (p.49) surgem como fundamentais para entender o processo;

4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva*, ou seja, os dados constituem-se a partir de semelhanças em dados particulares, em outras palavras, “não se trata de montar um quebra-cabeça cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes” (p.50);

5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa*, quer dizer, “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (p.50) levando em consideração também aqui o contexto.

Escolhi o estudo da docência, pois, durante o curso de graduação, esta temática sempre me mobilizou. Em seguida, com a temática da pesquisa já definida, houve o momento de leitura do referencial teórico e a escolha por realizar entrevistas com três professoras que atuam com crianças de 0 a 3, por isso procurei diversificar os contextos em que estavam inseridas de antemão, para conhecer, posteriormente, suas formações e experiências.

Através das entrevistas, assim como a ida ao local de atuação das professoras onde foram realizadas as conversas, pude conhecer aspectos relativos à importância do vínculo e da afetividade na docência com os bebês, reconhecendo que, independentemente do contexto, isso faz parte da composição da profissão. Também pude verificar que a relação com as famílias dos bebês é intensa, e faz parte do trabalho da professora conversar com os pais de maneira clara, utilizando uma linguagem adequada, para que entendam e participem do processo de escolarização inicial da criança. Outro aspecto que pude conhecer diz respeito à profissão professora de bebês e está relacionado à necessidade, reconhecida pelas professoras entrevistadas, de ter-se formação e formação continuada para fazer um bom trabalho com os bebês, assim como também para refletir sua prática e para empoderar a profissão, visando a valorização e reconhecendo o cuidado como constituinte da escola da infância.

Ao afirmar os cinco pontos acima, ainda valho-me das palavras dos mesmos estudiosos para esclarecer, dialogar com as minhas escolhas metodológicas e apontar que o método qualitativo é uma experiência em que “[...] os investigadores tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados” (BOGDAN; BIKLEN, 1997, p.70).

Diante do exposto e tendo em vista o treinamento do olhar sobre a temática da docência, realizei uma pesquisa bibliográfica levantando referências para posterior elaboração do referencial teórico. Segundo Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas [...]. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p. 32).

Nesse momento, revisei artigos que li durante o curso e que abordavam a temática deste estudo que é a constituição da docência com bebês, bem como realizei pesquisa no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilizando as seguintes palavras-chave: docência e bebês. Através dessa pesquisa, fiz o levantamento de alguns trabalhos, entre eles trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado; também pesquisei artigos de livros, selecionei aqueles que mais aproximavam-se da minha temática. Após as leituras iniciais, outros referenciais surgiram e, seguindo o mesmo critério de aproximação com a temática, foram selecionados e incorporados ao trabalho. Os estudos de Tristão (2004), Barbosa (2010), Duarte (2011), Catarsi (2013) e Filho (2013) compuseram grande parte do meu levantamento de referencial.

Além disso, reconhecer e articular a temática com a historicidade da Educação Infantil, bem como das especificidades dos bebês nesse contexto, foi muito importante para compreender os atravessamentos desse cenário. Para compor essa pesquisa, amparei-me em documentos legais como, por exemplo, na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente e, também, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

Cabe destacar aqui que o trabalho utilizou a nomenclatura de bebês e/ou crianças bem pequenas para referir-se a crianças dos 0 aos 3 anos de idade, conforme documento Práticas Cotidianas na Educação Infantil elaborado por Barbosa (2009).

O próximo passo do percurso metodológico foi a escolha por realizar entrevistas como estratégia dominante para a coleta de dados, pois, como afirmam Bogdan e Sari Biklen (1997, p.136), “As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes [...] estão repletas de detalhes e de exemplos”.

Tendo sempre em mente o objetivo da pesquisa, que é refletir sobre os aspectos constitutivos da docência com bebês, optei por utilizar um roteiro semi-estruturado (anexo 1) elaborado com perguntas que exigem exploração,

evitando perguntas que possam ser respondidas com “sim” ou “não” (BOGDAN e BIKLEN, 1997).

Valho-me ainda, para a construção do roteiro, das compreensões de Zago (2003), com o intuito de afastar-me de um roteiro pronto e rígido, pois a autora argumenta a favor de uma concepção de entrevista que nomeia compreensiva, a qual define como não tendo uma estrutura rígida, ou seja, “as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação” (ZAGO, 2003, p. 295).

O roteiro está organizado por uma parte inicial, de dados de identificação da entrevistada e, em seguida, é composto por seis questões que abordam: a trajetória de formação da docente; o que ela destaca como particularidade do trabalho com crianças de 0 a 3 anos; se participa de algum processo de formação continuada; quais os principais desafios que ela encontra e quais estratégias utiliza em seu trabalho; e, por fim, como ela caracteriza a docência com os bebês. Cabe destacar aqui que a questão sobre o seu processo de formação continuada foi feita sempre ao final da entrevista, para que não houvesse uma ruptura entre a segunda e a quarta questão.

As entrevistas foram previamente agendadas via *whatsapp* e realizadas em um ambiente reservado nas escolas de atuação das professoras, todas mostraram-se dispostas e animadas a participar. Foram realizadas entrevistas com três professoras de bebês e de crianças bem pequenas, selecionadas por apresentarem contextos de atuação e trajetórias diferentes.

A primeira (professora A) entrevistada tem 43 anos e atua há quatro anos como docente na rede privada; além da formação em pedagogia, tem especialização em Neuropsicopedagogia com Educação Inclusiva e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. **A segunda** (professora B) entrevistada tem 22 anos e atua há um ano como docente na rede privada e na rede pública de ensino, é pedagoga e iniciou a especialização em Educação Infantil há um semestre. **A terceira** (professora C) tem 41 anos e atua há nove anos como docente na rede pública, é pedagoga com especialização em Informática da Educação e Mestrado em Educação.

Cabe destacar que, anteriormente às entrevistas, comuniquei meus interesses sobre a temática, relatei que trabalho com bebês e que tenho admiração

pela profissão. Durante a entrevista, mostrei-me atenta, acenando com a cabeça, assumindo um papel de atenção enquanto entrevistadora (BOGDAN; BIKLEN, 1997).

A técnica de coleta de dados utilizada foi a gravação em áudio com o auxílio de um gravador e posterior transcrição. Após as transcrições, houve o momento de sistematizar os dados obtidos nas entrevistas, realizando o primeiro movimento de organizar e de selecionar os elementos para análise, de acordo com Bogdan e Biklen (1997):

A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes [...], decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros (BOGDAN; BIKLEN, 1997, p. 205).

Desenvolvendo e dando sequência ao processo de análise, houve o levantamento de três eixos que permearam todas as entrevistas, são eles: a importância do vínculo para a docência, constituído através de relações afetivas entre a professora e a criança, a família como parte integrante da docência e, por fim, o empoderamento da profissão professora de bebês, através da formação, para a valorização da área. Os quais serão desenvolvidos nos capítulos a seguir.

4. “O PRINCIPAL É O VÍNCULO, É A AFETIVIDADE”: COMPOSIÇÕES DA DOCÊNCIA

Nesta seção do trabalho, serão apresentadas as análises dos dados obtidos com base nas entrevistas realizadas com três professoras de bebês. A partir da transcrição e da leitura atenta das entrevistas, foi construído um quadro de análise, com questões que emergiram e que foram problematizadas a partir dos referenciais teóricos estudados. Essas explorações investigativas tiveram como ponto central aspectos constitutivos da docência com bebês. O primeiro eixo de análise que apresento refere-se a questões de vínculo e de afetividade, pontuados nas três entrevistas realizadas com as professoras quando questionadas em relação às particularidades do seu trabalho e, também, ao caracterizarem a docência com bebês.

A questão do vínculo é caracterizada por uma relação, uma relação que se constrói entre uma ou mais pessoas, sempre que me vinculo, vinculo-me a alguém ou a alguma coisa. Quando tratamos das especificidades da educação infantil, estamos falando de sujeitos, sejam adultos (famílias, professoras e profissionais), sejam crianças (bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas), esses sujeitos, ao ingressar num universo complexo, que é a escola de educação infantil, iniciam um processo que é a construção de relacionamentos, que se dá através de vínculos. Assim, ao pensar na docência e nas suas especificidades, as professoras apresentam o vínculo necessário como uma construção fundamental nos seus processos educativos relacionamento com as crianças.

4.1 CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO: RELAÇÕES COM O CUIDADO CONSCIENTE

“O principal é o vínculo, é a afetividade, essa criança tu tem que cativar em primeiro lugar para essa docência começar, tu tem que criar um elo de ligação com essa criança”.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

“A docência é uma relação de vínculo, é uma relação de afeto.”

(Entrevista professora **B**. Realizada em: 03/10/2019)

Através das verificações de Emmi Pikler (2004) em suas pesquisas, é possível reconhecer o valor profundo da intimidade e da reciprocidade do adulto com os bebês para o desenvolvimento integral da criança. Para ela, cabe ao adulto estabelecer o mais alto grau de consciência sobre suas intervenções com as crianças, demonstrando respeito às suas potencialidades. Desafio-me a pensar nesse momento como essas relações afetivas entre os adultos e as crianças constituem-se. Se o vínculo é aspecto tão pontuado na fala das minhas entrevistadas, no que diz respeito a docência com os bebês, de que maneira estabelecê-lo? Qual será a importância disso para as crianças?

Segundo alguns autores, esta intimidade entre o adulto e a criança dá-se com o tempo; com atenção, o adulto realiza o exercício de reconhecer as vontades do bebê, que se manifesta em suas múltiplas linguagens reforçando, assim, através do cuidado, os vínculos afetivos. Para Junqueira Filho, Kaercher e Cunha (2012):

Não há como conhecer uma criança, verdadeiramente, a não ser no seu dia a dia. É a convivência com elas, o prestar atenção em suas reações e manifestações - em seu choro, no seu jeito de dormir, de brincar, de sorrir, de falar - que possibilitará aos educadores conhecer cada uma, reconhecer seus desejos, necessidades e potencialidades. Por meio das atitudes afetivas, os adultos que lidam com elas, garantirão que se sintam seguras, confiantes e desafiadas, [...] (FILHO; KAERCHER; CUNHA, 2012, p.16).

Quando tratamos da experiência cotidiana vivida no coletivo da escola, o cuidado manifesta-se de diferentes formas, através do toque, do olhar, da atenção. Se é através dele que os vínculos afetivos acontecerão, penso o quanto esta relação entre os adultos e as crianças é afetada quando se tem turmas com um número elevado de crianças e, muitas vezes, as relações que envolvem o cuidado acabam por tornarem-se mecanizadas.

Tendo em vista que relações entre os adultos e as crianças constituem-se através de relações de cuidados (DUARTE, 2011), reconheço a importância dos

momentos de cuidado na rotina diária com as crianças, momentos que necessitam de gestos de amorosidade, carinho, calma e paciência.

Nós falamos muito que não se separa o cuidar e o educar, mas nessa faixa etária muito mais né, [...] é importante tu usar os momentos que tu tá fazendo a troca que é necessária do corpo humano para também nesses momentos aproveitar pra brincar com a criança.

(Entrevista professora **C**. Realizada em: 21/10/2019)

Para **C**, o momento de troca de um bebê não é pura e simplesmente um ato mecânico, o qual a professora irá realizar o mais rápido possível. Ao contrário, ela mostra-nos que as educadoras devem usar esses momentos como estratégia para o fortalecimento dos vínculos, brincando e interagindo com a criança, pois o momento de troca de fraldas faz parte do contexto escolar e deve ser reconhecido e valorizado na rotina diária, quando tratamos, principalmente, da docência com bebês.

Nesses momentos tão íntimos da educadora com o bebê, é importante que o adulto também antecipe para a criança o que está por acontecer, ao notar um “cheiro diferente pelo ar”, não deve sair averiguando as fraldas das crianças sem nem ao menos avisá-las, mas sim questionar: quem será o responsável? Antecipando que é necessário descobrir quem está com a fralda suja e, aí sim, com delicadeza e favorecendo que as crianças também participem do cuidado de seu corpo, o educador procura.

Diante do exposto, é possível considerar o quanto uma professora consciente de suas ações favorece o desenvolvimento integral das crianças. Ações que giram em torno da construção do vínculo através do cuidado, da atenção e da disposição do adulto para estar junto às crianças.

4.2 IMPLICAÇÕES DE AÇÕES CONSCIENTES: SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

É possível reconhecer até aqui o quanto o vínculo, através de relações afetivas, respeitadas e conscientes, tem valor profundo para o desenvolvimento integral da criança e também compõe a docência com bebês. Como já pontuei

anteriormente, é fundamental que o adulto dê presença nessa relação, que esteja disposto planejar e a estar junto às crianças, organizando o espaço, disponibilizando materiais e estando presente pelo olhar.

É importante pontuar, quando tratamos da postura do adulto, que suas manifestações afetivas não precisam ser, necessariamente, de intervenção direta. É importante que a criança escolha e realize seus movimentos de maneira espontânea de acordo com seu desejo, cabe ao adulto criar as condições externas “para a criança realizar suas aventuras e desventuras da vida” (FOCHI; CAVALHEIRO; DRECHSLER, 2016, p. 300), sendo presente pelo olhar. É preciso reconhecer as potencialidades das crianças que, frente a um espaço organizado, com materiais diversificados e adultos conscientes da sua função, poderão descobrir, à sua maneira, diferentes possibilidades. O que observamos nas escolas é a intensa intervenção das professoras com os bebês, cuidando excessivamente para que não caiam e não se machuquem, muitas vezes, as professoras são reconhecidas por demonstrarem ser incansáveis a cuidar da integridade física das crianças. A pesquisadora Emmi Pikler mostra-nos que a criança que não cai não aprende a cair, ou seja, “através do movimento livre, a criança atinge o completo conhecimento do seu corpo e de suas capacidades, conhece seus limites e assim consegue confiar em si mesma” (FOCHI; CAVALHEIRO; DRECHSLER, 2016, p. 300).

Neste momento gostaria de refletir acerca do valor desta relação professora-bebê para o desenvolvimento autônomo da criança, inicio com a fala de **B**:

Eu acho que tem muito a questão do desenvolvimento da autonomia, eu vejo que é o grande momento deles se tornarem independentes e entender, conhecer o mundo, então tem toda essa curiosidade de entender o que está acontecendo ao redor, e para isso eles precisam de vínculos de confiança com os adultos.

(Entrevista professora **B**. Realizada em: 03/10/2019)

Segundo a Teoria do Apego de Bowlby, a criança, frente a situações de risco, avalia a disponibilidade do adulto, recorrendo a ele através de manifestações emocionais. Segundo Bowlby, a criança avalia a disponibilidade e a responsividade

do adulto ao verificar que, quando necessário, ele estará lá para apoiá-la e, com isso, sente-se segura a fazer suas explorações, classificando, gradativamente, o ambiente como seguro e distanciando-se, cada vez mais, do adulto, pois sente-se segura a explorar, exercitando, assim, sua autonomia (MENDES; ROCHA, 2016).

Diante do exposto, é possível perceber a responsabilidade da função professora de bebês, suas ações diárias, quando conscientes, trazem reflexos positivos para o desenvolvimento das crianças. Quando os laços afetivos efetivam-se, relações saudáveis estabelecem-se, olhares cruzam-se, e são inúmeros os ganhos na dinâmica da docência com os bebês. É isso que desejamos: crianças dispostas a explorar o ambiente, rodeadas de profissionais especializados, reflexivos, e conscientes do seu papel.

5. “OS DESAFIOS DESTE TRABALHO SÃO AS FAMÍLIAS”: RELAÇÕES QUE COMPÕEM A DOCÊNCIA

Dando sequência a pesquisa, neste capítulo, irei desenvolver o segundo eixo de análise, que diz respeito a questões relacionadas às famílias. Buscando sempre estabelecer relação com o objetivo deste estudo, que é refletir sobre os aspectos constitutivos da docência com bebês, parto da premissa de que “A docência é constituída de relações humanas, na qual, as pessoas envolvidas, adultos, jovens e crianças, possuem determinações sócio-históricas específicas que circunscrevem a própria natureza do trabalho docente” (AGOSTINHO; LIMA, 2015, p.57), ou seja, cada pessoa, seja adulto, seja criança, inscreve suas experiências nesta relação de criança-escola-família. Pretendo, neste capítulo, estabelecendo um diálogo entre os referenciais estudados e as falas das professoras entrevistadas, compreender o quanto, principalmente, as relações escola-família compõem a profissão docente. Cabe destacar ainda que neste estudo:

As famílias são compreendidas como um grupo concreto, composto por laços de consanguinidade ou aliança e que ocupam lugares diferentes numa hierarquia interna de poder e de papéis, sendo necessário reconhecer seus valores e relações que, muitas vezes, transcendem as fronteiras deste grupo específico e concreto; é preciso reconhecer sua pluralidade e sua forma singular de organização. (ALBUQUERQUE; ZORTÉA, 2018, p. 155).

Diante disso, articulo minhas análises apoiada em uma concepção plural de relações humanas, valores e contextos. O objetivo aqui não é apontar defeitos ou qualidades das famílias, muito menos julgar o que é bom ou ruim, mas sim reconhecer as relações estabelecidas e os aspectos relativos às famílias, já que no estudo realizado esta relação faz parte da composição que constitui a docência com bebês.

5.1 CONCEPÇÕES DA FAMÍLIA X CONCEPÇÕES DA ESCOLA

Educar crianças pequenas na nossa sociedade apresenta-se, hoje em dia, como um desafio. Penso, frente a isso, o quanto as famílias podem sentir-se sozinhas nesta “missão” de educar uma criança, são muitos os pais que não tem ou não sabem a quem recorrer para compartilhar suas dúvidas e angústias.

É possível afirmar que o papel de pais e de profissionais da infância são diferentes, mas de que maneira podemos articular diálogos pensando no desenvolvimento integral das crianças? Sabemos que estabelecer limites é importante para a criança, mas de que maneira os profissionais da infância poderiam mediar esse processo que também é função dos pais e que reflete tanto no trabalho com as crianças?

A, ao ser questionada sobre as particularidades do seu trabalho, afirma que:

Eu acredito que hoje em dia o que mais está influenciando na escola são as demandas que as crianças estão trazendo de casa.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

A professora, nesse momento da entrevista, faz menção a dificuldade de lidar, na escola, com os reflexos da falta de limite do contexto familiar; esta fala repete-se quando afirma:

Eu acho também que a falta do não está muito grande, então chega na escola a professora vai dar esse não, a professora vai dar esse limite, e é onde começa todo o conflito, toda a frustração, o choro, a teimosia. Elas estão desafiando mais, pois elas aprenderam que conseguem com os pais pelo choro, pela birra.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

Podemos reconhecer, através da fala da professora, que suas concepções em relação a educação das crianças diferem das concepções dos familiares, ou seja, para a minha entrevistada, é necessário que as crianças tenham uma educação pautada pelo limite e, para ela, é importante que os pais tenham clareza da importância de estabelecer o “não” e de ser fiel ao seu posicionamento frente a criança. Por outro lado, parece que as famílias não estão dispostas a “comprar esta briga” com as crianças, que, através do choro e da teimosia, acabam conseguindo

que seus pais cedam ao que desejam. É evidente aqui que os modos de educar em casa e na escola são diferentes, e “as concepções que permeiam o contexto familiar e o escolar fazem parte de um jogo complexo onde diferentes expectativas acerca dos modos desta criança estar no mundo se entrelaçam” (ALBUQUERQUE; ZORTÉA, 2018, p.162).

Devemos destacar aqui que todas as crianças, ao chegarem na escola, possuem uma história, que iniciou antes mesmo de seu nascimento, ou seja, na gestação, na chegada ao seu local de moradia, nas suas experiências de fome, sede, higiene (ALBUQUERQUE; ZORTÉA, 2018). Por esse ângulo, ainda valho-me das palavras das autoras para destacar que devemos ater-nos “a importância da análise dos modos de vida das crianças, reconhecendo que as lógicas familiares de educá-las estão articuladas ao modo como se constitui o contexto familiar, que são modos próprios e singulares” (ALBUQUERQUE; ZORTÉA, 2018, p.157).

A escola de modo geral está frente a diferentes contextos familiares, contextos que, de alguma maneira, influenciam na rotina da escola. Gostaria de refletir a seguir sobre possíveis estratégias que visam o diálogo entre família e escola de suas concepções.

5.2 ESTRATÉGIAS QUE VISAM O DIÁLOGO DE CONCEPÇÕES

A deixa claro o quanto essas crianças que não são confrontadas em casa tornam-se “crianças desafiadoras” na escola e afetam diretamente o seu trabalho com as demais crianças. O que me leva a pensar, apoiada nas conclusões de Albuquerque (2009), na urgente inclusão de possibilidades e de estratégias de encontro e de diálogo entre as lógicas familiares e escolares, no projeto educativo escolar, a autora define isso como uma pedagogia do encontro, onde “é necessário promover situações relacionais e compartilhadas entre escola, formação de professoras, comunidade e família” (ALBUQUERQUE, 2009, p.349). É possível afirmar, diante do exposto, que compreender o contexto familiar pode ser uma das estratégias utilizadas pela professora para melhorar a rotina diárias das crianças.

As crianças que são desafiadoras elas tendem a liderar, então elas têm uma influência muito grande. Nessa faixa etária eles trabalham muito pela imitação, pela repetição, tanto é que a gente trabalha muito com o jogo simbólico (...) e a mesma coisa acontece com a imitação daquele colega.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

Precisamos pontuar que, para as professoras compreenderem o contexto das famílias, é preciso espaço na rotina de trabalho para reunião junto aos responsáveis e, nesse sentido, cabe a gestão da escola organizar outro profissional para substituir a professora enquanto estiver fora. O que observo em muitas escolas é a falta de pessoal para suprir a saída das professoras de sala, gerando uma conversa protocolar com tempo estipulado: 30 minutos. Ou seja, a professora sequer tem tempo para expor o que pensa, imagina ouvir as demandas das famílias.

C, que faz parte de outro contexto, também pontua aspectos relativos às famílias ao ser questionada a respeito dos principais desafios que encontra em seu trabalho, e é direta:

Aí os desafios eu acho que não são com as crianças, os desafios deste trabalho são as famílias, principalmente na questão do lugar que a gente tá. Então a gente se depara sempre com a falta de recurso das famílias (...) falta de recursos humanos também (...) das famílias falta tudo.

(Entrevista professora **C**. Realizada em: 21/10/2019)

Diante das minhas análises e reconhecendo que é intensa a relação da professora com as famílias, penso que é importante destacar a falta de discussão de uma sociologia da família no curso de formação de professoras, o que abriria espaço para reflexão e para diálogo para pensar-se diferentes estratégias em relação ao assunto. Na universidades, a partir da minha experiência, estudamos as infâncias, a psicologia, o planejamento, contudo, aspectos relativos às famílias são pouco abordados, porém fazem parte da docência com bebês.

5.3 INDISSOCIABILIDADE ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Inserida em um contexto de vulnerabilidade social, **C** relata o quanto o contexto familiar e a realidade das suas crianças também compõem o seu fazer-docente, sua fala apresenta o quanto seu papel é de extrema responsabilidade, atentando para aspectos relacionados à violência física. Nesse momento, penso o quanto sua função pode servir como mediadora desses conflitos, a serem solucionados em outras esferas.

Além do educar, além das aprendizagens, também entrar um pouco nas coisas que a gente pensa que é da família né, (...) a questão da violência, da violência familiar, do contexto que eles moram (...). Aí como fica? Como a gente lida com isso? Até onde a gente pode se meter nisso? O quanto isso afeta a criança que tava de um jeito e agora tá de outro? De poder entender isso, como eles passam bastante tempo na escola, a gente também tem que ver esse outro lado, de quando precisa mais de um colinho, é tudo muito diferenciado, mas que isso também não tem como deixar de ficar dentro da escola (...) é bem aquilo, é tudo misturado.. a educação, o cuidado, e também as coisas que perpassam a família.

(Entrevista professora **C**. Realizada em: 21/10/2019)

Maria Carmem Barbosa (2010, p.10) pontua que “não é apenas uma criança que a escola de educação infantil irá acolher, mas toda uma família [...] assim, acolher uma criança na creche exige, dos profissionais, atenção, competência e sensibilidade nas relações com os bebês e suas famílias”. Ou seja, é notória a ligação entre a profissional que atua junto com os bebês e as famílias, assim como não é possível dissociar a criança da família. A professora é pontual em sua afirmação “é tudo misturado”, as crianças, ao entrarem na escola, não deixam de lado as experiências pelas quais já passaram, os bebês são os mesmos dentro e fora da escola.

Destaco que a minha intenção é refletir sobre a influência do contexto familiar na composição da profissão professora de bebês. Portanto valho-me das palavras das autoras para afirmar que

Não há como desconsiderar a história de cada criança em seu contexto familiar quando elas chegam a um espaço de educação coletiva como é a escola infantil, onde estas diferentes lógicas de viver serão necessariamente compartilhadas. (ALBUQUERQUE; ZORTÉA, 2018, p. 158).

5.4 INFLUÊNCIA DIRETA DA FAMÍLIA NO TRABALHO DA PROFESSORA: O TRABALHO COM OS PAIS

A professora **B** relata o quão desafiador é estabelecer uma relação de confiança com a família. A professora, além de vincular-se com os bebês, aspecto que perpassa a docência como já destaquei anteriormente, também precisa conectar-se com a família, pois, novamente, isso implicará no seu fazer-docente com as crianças em sala, a professora traz o exemplo da adaptação dos bebês para exemplificar a importância dessa relação de confiança entre ela e a família.

Em relação as famílias têm a questão da adaptação, esse processo é bem complicado... e eu acho que vai sendo facilitado ao longo do amadurecimento das crianças e da minha relação com as famílias, por que tem uma questão de confiança em deixar tua criança que a pouco tempo chegou na tua família para ser cuidada e ser acompanhado por outros adultos né, então é uma relação bem complicada.

(Entrevista professora **B**. Realizada em: 03/10/2019)

Para **B**, faz parte do trabalho estabelecer uma relação de confiança com os pais, que está diretamente ligada na disposição das crianças para estarem na escola em contato com as educadoras. Ou seja, é consequência da confiança dos pais a facilitação, ou não, da adaptação das crianças na escola. Esta confiança aparece sutilmente, seja no gesto de entregar a criança do seu colo para o colo da educadora, utilizando a linguagem corporal, ou, até mesmo, utilizando a linguagem oral para despedir-se, afirmando que está tudo bem, que agora ela vai brincar com as professoras da escola e que, mais tarde, voltará para buscá-la. A desconfiança também aparece quando, por exemplo, ao deixarem a criança com as professoras, voltam para “dar uma espiadinha” e acabam por serem vistos pelas crianças. Nesses momentos de chegada, a professora, que utiliza todos os recursos possíveis de interesses da criança para acolhê-la da melhor forma possível, precisa iniciar todo o processo novamente, assim como esclarecer que a atitude dos pais naquele momento não está facilitando o processo de adaptação.

Maria Carmem Barbosa (2010) discorre sobre isso quando anuncia que há a necessidade de um contato pessoal e de confiança entre as professoras e as famílias para a inserção das crianças na escola, segundo a autora:

Para as crianças, especialmente os bebês, os primeiros dias de frequência à creche é uma fase de grande mudança e elas precisam de um ambiente que lhe ofereça segurança emocional, acolhimento, atenção. As crianças logo reconhecem a confiança que seus pais depositam na escola e nas professoras, assim, o trabalho de inserção das crianças na creche passa, necessariamente, pela relação de confiança entre pais e professores. (BARBOSA, 2010, p.10).

Diante do exposto até aqui, evidenciamos que uma das composições que envolvem a docência com bebês é a relação da professora com a família. Levando em consideração os diferentes contextos de atuação das entrevistadas, principalmente entre a professora **A** e a **C**, uma das questões da entrevista versava ainda sobre as estratégias utilizadas frente aos desafios que me apresentaram, a professora **A** relata que:

A gente começa a fazer um trabalho de formiguinha com esses pais, por que a gente tá aqui pra ajudar e não para atrapalhar, ou querendo se meter na rotina, mas a gente precisa da informação completa dessa criança.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

E ainda afirma:

Eu acho que escola, professor, família a gente tem que ser uma coisa única, e trabalhar por um bem maior que é a criança”.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

A professora **C** é enfática:

Eu sou uma pessoa bem chata, bem insistente.. Se eu acho que é para o bem da criança eu incomodo. Eu chamo essa família, eu ligo, eu digo que se tá doente tem sim que levar pro médico.. sou chata. Então eu não sei até onde isso é bom, mas eu penso que é pro bem né (...). Então eu to sempre chamando essas famílias, sempre por dentro do que tá acontecendo.

(Entrevista professora **C**. Realizada em: 21/10/2019)

Ou seja, podemos verificar, mais uma vez, através da fala das professoras, que as suas ações não são somente com as crianças, mas também com os adultos responsáveis por elas. A professora **A** define como um “trabalho de formiguinha” realizado com os pais, tendo em vista o bem estar da criança no espaço escolar.

Através desses posicionamentos, afirmo que é urgente a necessidade de estreitar os laços com as famílias (DUARTE, 2011), tendo em vista que a relação com elas faz parte da docência e uma boa relação surge como um facilitador do trabalho das professoras. É preciso que as famílias sintam a escola como um lugar seguro e que participem de fato do contexto escolar. A relação com as famílias deve aparecer como política educativa (ALBUQUERQUE; ZORTÉA; 2018), pensando em estratégias de acolhimentos, utilizando uma linguagem clara, com horários flexíveis, tornando a escola um lugar de troca.

6. É PRECISO “ERGUER A BANDEIRA DA DOCÊNCIA COM OS BEBÊS”: DA CONSTRUÇÃO DA PROFISSÃO

O último eixo de análise que irá compor este estudo diz respeito à profissão professora de bebês. Este capítulo debruça-se a compreender e refletir como a profissão de docente vem sendo compreendida e quais são os possíveis desdobramentos da profissão.

Ao pensarmos na constituição histórica da profissão professora, a autora Marta Quintanilha Gomes (2012) ajuda-nos a refletir que as definições acerca do que é a profissão professora podem ser diversas, ao afirmar que “o conceito de profissão não é universal, mas se apresenta como um construto social” (GOMES, 2012, p.167), onde os contextos político, econômico, cultural e social conversam-se para que as profissões constituam-se.

Quando argumentamos que há posições diversas ao caracterizar uma profissão, e conforme Mantovani e Perani (1999) afirmam, que a profissão docente na educação infantil está sendo inventada, podemos evidenciar o quanto é complexa essa definição, que se articula com as definições de profissão dos outros níveis de escolarização que apresentam um histórico mais consolidado, porém difere-se em suas particularidades. A autora coloca-nos a pensar o quanto é desafiador embarcar em um espaço de invenção:

Cabe a profissão de professora na educação infantil um espaço de invenção, que emerge das formas como o grupo social se organiza, mas que tem em si a possibilidade de transitar entre a tradição e a inovação e, com isso carrega desafios e constrangimentos. (GOMES, 2012, p. 168).

Muitas vezes, “embarcar neste espaço de invenção” não é simples, por mais que as professoras tenham formação específica em licenciatura, em pedagogia são muitos os cursos que ainda dão ênfase para a escolarização inicial, ou seja, do Ensino Fundamental, e pouco espaço para reflexões acerca da docência na Educação Infantil. Não somente, mas também por carregarmos as nossas experiências escolares individuais, que, na maioria das vezes, são de uma escola tradicional, colocamo-nos frente a um desafio, que não apresenta ser uma tarefa

fácil, é preciso desconstruir um modelo pronto e acabado para dar espaço para novas formas de fazer escola.

6.1 APONTANDO CAMINHOS: EMBARCANDO EM UM ESPAÇO DE INVENÇÃO

Pensando em novas formas de fazer docência, Monica Ferrari (2012) inspira-nos quando trata da profissionalidade dos educadores da Educação Infantil e destaca a importância da construção que se dá no cotidiano, das professoras com as crianças, com os colegas, os pais, bem como nos processos formativos e nas reuniões, que são importantes para refletir a prática pedagógica, autora afirma que:

A profissionalidade dos educadores é construída ao longo do tempo. Deve ser cultivada, promovida e apoiada no interior e no exterior do grupo que trabalha [...]. O profissional, de fato, não é somente aquele que age em um determinado contexto, não é somente aquele que atua, que supre uma urgência. É também e sobretudo, aquele que reflete sobre a sua ação, que se confronta com os demais em relação à sua ação, que sabe conjugar reflexão sobre a ação e a prática e a intervenção imediata (FERRARI, 2012, p. 49).

Uma das dimensões importantes da ação docente, que se dá a partir da vivência da ação pedagógica, é a capacidade de reflexão. Essa pode dar-se através de uma conversa com uma colega, num registro sobre a experiência, ou, até mesmo, na análise de uma imagem, mas é uma tarefa essencial a ação docente, destacada por Martins Filho (2013) quando atenta para a necessidade de uma atividade reflexiva das professoras, tendo em vista a possibilidade de compreender a complexidade da vida vivida no coletivo da instituição.

Em relação a isso, a professora **B** destaca a importância da formação e da formação continuada para constituir uma docência consciente e reflexiva da sua função. Para ela, um dos caminhos para deixar “cair por terra” a ideia de que a professora de bebês apenas cuida, sem qualquer intencionalidade, é através da luta e do conhecimento, para dar mais visibilidade ao trabalho realizado junto às crianças:

Eu acho que é essencial para essa faixa etária a formação, eu pesquiso muito, por que tudo, desde a minha chegada na sala é pedagógico. Só que isso é uma grande luta que a gente precisa manter para trazer qualidade para a educação infantil, por que não é longa a nossa caminhada de profissionais, por que antes era só assistencial a educação infantil, então é uma batalha que a gente tá a um tempo, e ainda a gente não conquistou tudo que a gente precisava porque obviamente os anos iniciais e a alfabetização tem uma supervalorização de profissional, a professora que alfabetiza é “ah” (dá ênfase) professora que trabalha né, a professora que cuida de criança é a professora da educação infantil, ainda mais se tu vai tratar de bebês, por que daí “ah não ela tá ali cuidando de bebês.

(Entrevista professora **B**. Realizada em: 03/10/2019)

É importante destacar, como vimos anteriormente neste trabalho, que é recente a história da Educação Infantil no Brasil. É somente no século XX, quando a LDB (9394/96) orienta que os profissionais de Educação Infantil tenham formação em nível superior, que a Educação Infantil passa, gradativamente, a incorporar formação adequada para os profissionais que nela atuam. É nesse cenário, que tem muitas aproximações de conhecimentos com outros níveis, mas que possui construções próprias, que o desenho da profissão professora de Educação Infantil vem constituindo-se e diferenciando-se cada vez mais. Ana Beatriz Cerisara (2002) aponta para a diferença entre os profissionais da Educação Infantil e das séries iniciais ao afirmar que:

Falar de professor de educação infantil é diferente de falar do professor das séries iniciais, e isso precisa ser explicado para que as especificidades do trabalho dos professores junto às crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas sejam viabilizadas” (CERISARA, 2002, p.69).

Tendo em vista uma educação infantil de qualidade, com profissionais especializados, que o documento Indicadores de Qualidade na Educação Infantil foi elaborado pelo MEC (2009) e afirma que a qualificação dos profissionais que atuam com as crianças é fator de influência principal na qualidade da educação. Não somente a qualificação inicial, mas a formação continuada é essencial quando buscamos qualidade. Contudo, muitas escolas não investem na formação de suas

professoras, as reuniões acabam por tratar de soluções para problemas corriqueiros, não há espaço na gestão do tempo para momentos de leitura, reflexão e debate.

Nós temos reuniões a cada 15 dias, mas as reuniões aqui a gente acaba tratando de assuntos mais pertinentes ao que está acontecendo a cada momento, então se tratando de formação continuada a gente tem fora essas reuniões, que são chamadas pessoas de fora onde a gente fica no sábado, ou após o horário, mas dentro são raras as vezes que a gente consegue ter uma pessoa vir dentro daquele espaço de reunião.

(Entrevista professora **A**. Realizada em: 02/10/2019)

C também relata, assim como a professora **B**, o quanto acredita ser fundamental a formação para atuar com as crianças de 0 a 3 anos e apresenta como um desafio da profissão a valorização das profissionais que atuam com os bebês:

Eu acredito que quanto menor a faixa etária das crianças mais especializado tem que ser o professor, mas no Brasil isso não acontece. As mães às vezes pensam [...] que é só um largar, então qualquer pessoa fica. E eu não penso assim, eu acho que não é isso, não é qualquer pessoa fica. Na verdade são os profissionais que estão aqui especializados para ficar com as crianças.

(Entrevista professora **C**. Realizada em: 21/10/2019)

Podemos verificar, até aqui, que a docência com os bebês não dá-se somente dentro da escola, mas também fora dela. Através da fala das minhas entrevistadas, é possível reconhecer que a profissão professora de bebês tem como essência a formação inicial e constitui-se ao longo do tempo pelas formações continuadas. Formações responsáveis por estabelecerem reflexão à prática, tendo em vista a qualidade da educação.

6.2 O CUIDADO EMBARCA JUNTO: DA LUTA COLETIVA POR VALORIZAÇÃO

Além da formação inicial e continuada para qualificar a Educação Infantil, há também questões relacionadas à valorização das profissionais que atuam junto às crianças. Quando **C** afirma que não é “só um largar”, reconheço o quanto é

frustrante para um profissional especializado que planeja, organiza e reflete sua ação ter um retorno, nesse caso dos pais, do valor de seu trabalho tão minimizado.

Eu acho que uma parte bem importante é sobre a profissão professora atendendo de 0 a 3 anos. Por que como que tu justifica o teu trabalho pedagógico se tem muita gente que acredita que atender crianças de 0 a 3 anos ainda é só cuidar, trocar fralda, e tudo isso? Então como que tu justifica esse cuidado, esse atendimento de trocar fralda, de conversar, de alimentar como também pedagógico?

(Entrevista professora **B**. Realizada em: 03/10/2019)

Alguns autores, entre eles Tristão (2004), Duarte (2011), Barbosa (2010), Martins Filho (2013), os quais já citei em meu referencial teórico, afirmam que o cuidado, o trocar fraldas, o lavar, o alimentar fazem parte e constituem a docência com bebês.

A partir deste estudo, é possível afirmar que as profissionais que atuam com os bebês já reconhecem isso, contudo, constatei que é preciso “erguer a bandeira da docência com bebês”, ou seja, dar visibilidade aos aspectos que constituem a profissão e o cuidado é um deles, conforme minhas referências, para valorizar o cotidiano da escola da infância. Afirmando com clareza que somos profissionais capacitadas e habilitadas para exercer o nosso papel, contudo como, afirma Monica Ferrari (2012, p.49) em relação a isso, “Não basta somente a boa vontade do educador, é necessário um sistema de gestão”.

Quando tratamos das especificidades da Pedagogia da Educação Infantil, é importante esclarecer que não é a pedagogia escolar, compreendendo o papel das relações de educação e de cuidado na Educação Infantil (CERISARA, 2002). As entrevistadas mostram reconhecer as especificidades dessa pedagogia, contudo, como mostra a pesquisa de Ana Beatriz Cerisara (2002), as professoras, muitas vezes, sentem-se confusas quanto às diferenças entre os papéis de mãe e de profissionais, o que nos remete, novamente, para a importância da formação.

Não somente nesse sentido, é importante pontuar que o exercício da valorização das profissionais não é tarefa única das professoras e não somente diz respeito a gestão escola. Mas, sim, é fundamental pensar nessa questão como um coletivo de luta, onde políticas de valorização, projetos escolares, projetos da

profissão, questões que ultrapassam os muros da escola, garantam formação e valorização das professoras.

Nesse sentido, é uma construção social, que envolve escolas, famílias, profissionais, sociedade, para que seja reconhecido e visível o trabalho no cotidiano das escolas de Educação Infantil. No contexto político em que vivemos de perda de direitos e de retrocessos, é fundamental que a sociedade compreenda as especificidades da Educação Infantil, onde o cuidado é pedagógico, que trocar fraldas faz parte da docência, que brincar é fundamental, que tudo isto implica no desenvolvimento das crianças.

A valorização da sociedade sobre a qual o lugar das crianças pequenas, num espaço de educação coletiva, aprendendo e desenvolvendo-se com profissionais com formação específica. É o que desejamos para esta geração de crianças, o direito de vivenciar a escola de educação infantil com qualidade, tendo adultos parceiros interessantes e interessados na suas aprendizagens e descobertas!

Diante do exposto, acredito ter estabelecido algumas relações com as composições que envolvem a profissão professora de bebês, entre elas, a importância da formação para uma prática cada vez mais especializada e reflexiva. Ressaltamos a importância de uma ação de luta conjunta para “erguer a bandeira da docência com os bebês” cada vez mais alto.

7. CONCLUSÃO

É importante registrar, ao chegar na etapa final de construção deste estudo, o quanto esta experiência de pesquisa contribuiu para minha formação e para meu desenvolvimento crítico enquanto professora. Ao realizar o exercício da pesquisa, que foi um grande desafio para mim, pude refletir acerca dos referenciais, selecionar dados, analisar e, pouco a pouco, compor a resposta da pergunta de pesquisa, que se constitui no foco deste trabalho: O que é ser professora de bebês? Quais as composições que constituem a profissão?

Assim, foi realizado um estudo bibliográfico para conhecer pesquisas e estudos já realizados na área da Educação Infantil. O escopo da pesquisa deu-se a partir de entrevistas com três professoras de bebês que constituíram a base de dados de análise para a composição deste estudo, que se deu a partir de três eixos de análise, são eles: a importância do vínculo para a docência, construído através de relações afetivas entre a professora e a criança; a família como parte integrante da docência; e, por fim, questões relacionadas à profissão professora de bebês.

Em relação ao primeiro eixo, foi possível perceber a responsabilidade da função professora de bebês para a consolidação dos vínculos. O capítulo mostrou-nos que suas ações diárias, quando conscientes, trazem reflexos positivos para o desenvolvimento integral das crianças.

Frente ao eixo que diz respeito às famílias, percebemos o quanto questões do âmbito familiar refletem no contexto escolar. Com isso, discutimos a necessidade de estreitar as relações com as famílias, estabelecendo uma relação de parceria.

Por fim, o terceiro eixo está relacionado à profissão professora de bebês. Pontuamos a importância da formação e da formação continuada para a realização de uma prática reflexiva. Assumimos a docência como um espaço de invenção, onde temos o desafio de construir uma pedagogia específica para os pequenos. Essa tarefa não se apresenta como fácil, é preciso desconstruir um modelo pronto e acabado para dar espaço para novas formas de fazer escola.

Frente ao exercício reflexivo de compreender a docência com bebês, com o decorrer do estudo, pude observar o quanto as composições da profissão professora de bebês são complexas. O atendimento dos bebês vem carregado de

responsabilidades que não são só das professoras, mas sim da sociedade como um todo. Quando buscamos qualidade no atendimento para crianças de 0 a 3 anos, é preciso pensar nas suas especificidades, na valorização de suas professoras, na necessidade de abertura das escolas para as famílias. Finco, Barbosa e Faria (2015) relatam que:

A educação da criança pequena permanece no campo de luta e resistência à medida em que seus protagonistas se encontram sempre às voltas com o 'espectro que ronda o mundo dos pequeninos, o espectro da forma escolar' (FINCO, BARBOSA, FARIA, 2015, p.11)

Lutamos por uma educação de qualidade e continuaremos lutando para que o mundo dos pequeninos apresente valor e valorização de maneira equilibrada. Concluo que as composições que constituem a docência apresentadas neste estudo serviram e servirão para uma reflexão cada vez mais intensa do quanto é complexa a dinâmica de ser professora de bebês e, com certeza, esta temática não poderá ser esgotada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. A escuta das crianças e a docência na educação infantil. **POIÉSIS – Revista do programa de pós-graduação em educação**. Santa Catarina: v.12, n. 21, p. 154-166, jan/jun 2018.

_____.; LIMA, Patrícia de Moraes. A docência na educação infantil: sobre os contornos da experiência pedagógica no encontro com as crianças. In. **Investigar em Educação – IIª Série**, Número 4, 2015. p. 57-67.

ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Para além do “Isto” ou “Aquilo”**: os sentidos da educação das crianças pequenas a partir das lógicas de seus contextos familiares. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

_____.; ZORTÉA, Ana Maira. Educação infantil: por que te quero? Compartilhando os significados entre escolas, bebês e suas famílias. In: **Educação infantil: construção de sentidos e formação**. MORO, Catarina; SOUZA, Gizele de. (Orgs.). 1. ed. p. 155-171. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2018.

Disponível

em:

https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Final_Ebook_EducacaoInfantil_construcaodesentidoseformacao.pdf. Acesso em: nov. 2019.

BARBOSA, Maria Carmen da Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. MEC: Consultoria Pública, 2010.

_____.; FOCHI, Paulo Sérgio. Os bebês no berçário: ideias-chave. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Orgs.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul**: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2015, p. 57 - 68.

_____.; RISCHTER, Sandra R. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, 2010.

_____.; LOBORUK, Jaqueline Carode. Estar junto com os bebês: os tempos que constroem conhecimentos, saberes e histórias. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Lutamos pela Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 52 - 68.

_____. **Práticas cotidianas na Educação Infantil**: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares - Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para

construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. MEC/SEB: Brasília, 2009.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma Introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1997, 2ª ed.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009. Seção 1, p. 18.

CATARSI, Enzo. As competências relacionais do professor na escola do acolhimento. In: STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 25-45.

CERISARA, Ana Beatriz. Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DUARTE, Fabiana. **Professora de bebês**: as dimensões educativas que constituem as especificidades da ação docente. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERRARI, Monica. Condições para a Educação. In: GARIBOLDI, Antonio; BONDIOLI, Anna; BECCHI, Egle; FERRARI, Monica. **Ideia orientadoras para a creche**. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2012. p. 44 - 53.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2000.

FILHO, Gabriel de Andrade Junqueira; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva; CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Convivendo com crianças de zero a seis anos. In: RAPOPORT, Andrea. [et al.]. **O dia a dia na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Conversações de ponta-cabeça sobre crianças pequenas para além da escola. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart (Org.). **Campos de Experiências na Escola da Infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 7-14.

FOCHI, Paulo Sérgio. **“Mas os bebês fazem o que no Berçário, heim”?** Documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2013.

_____.; CAVALHEIRO, Carina; DRECHSLER, Claudia F. Bergamo. Contribuições de Emmi Pikler para a educação de bebês nos contextos brasileiros. In: **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil**. CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli (Orgs.). Santa Maria. 2016, p. 297 - 307.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOMES, Marta Quintanilha. **Trilhas profissionais na educação infantil**: os sentidos atribuídos ao lugar de atuação pelas professoras da rede municipal de ensino de Porto Alegre. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MALLMANN, Elisete. **Materiais potencializadores e os bebês-potência**: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: 2015.

GONÇALVES, Fernanda. **A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da Creche**: uma análise da produção científica recente (dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

MENDES, Lorena Sena Teixeira; ROCHA, Neusa Sica da. Teoria do Apego: conceitos básicos e implicações para a psicoterapia de orientação analítica. **RBPsicoterapia - Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre: v. 18, n. 3, dez 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201047/001067341.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 nov. 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Pensar direitos humanos: "cidadania na primeira infância"**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BkBSIOosKNg>. Acesso em: 08 jun. 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2004.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXO 1

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação - FAGED

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou sendo convidada a participar da pesquisa relativa ao Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, realizado pela acadêmica Daniela Schmitt, orientado pela Prof^a. Dr^a. Simone Santos de Albuquerque, que tem como temática a “Constituição da docência com crianças de 0 - 3 anos”.

Minha participação neste momento será dar uma entrevista, relativa a prática pedagógica na educação infantil, bem como aspectos relativos a minha trajetória pessoal e profissional.

Fui informada que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração nesse estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicação e que, nesse caso a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a minha instituição.

Fui informada de que os resultados obtidos serão apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC da acadêmica e que as professoras entrevistadas não serão identificadas.

Fui esclarecida de que a entrevista será gravada para facilitar o registro das informações e que apenas a acadêmica e sua orientadora terão acesso à gravação.

Fui informada de que a gravação da minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sobre responsabilidade da acadêmica e da orientadora do trabalho.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que tive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Fui informada que em qualquer momento posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante

Assinatura da acadêmica

Orientadora do TCC: Profa. Dra. Simone Santos de Albuquerque (UFRGS).

Telefone: (051) 983344040

ANEXO 2

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação - FAGED**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ANTES DE INICIAR A ENTREVISTA O PESQUISADOR DEVE LEMBRAR DE: APRESENTAR A PESQUISA QUE TEM COMO TEMA A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA COM BEBÊS; APRESENTAR O OBJETIVO DA PESQUISA; LER E ENTREGAR O TCLE ANTES DA CONVERSA; SOLICITAR PERMISSÃO PARA GRAVAR; DEIXAR O ENTREVISTADO BEM A VONTADE, EXPLICANDO QUE O ROTEIRO É FLEXÍVEL.

- **Identificação da entrevistada:**

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de atuação na educação infantil:

Escola em que atua atualmente:

- **Questões:**

1. Conta sobre a tua trajetória de formação na educação e como chegasse na etapa educação infantil?
2. Na tua trajetória na educação infantil o que destacas como especificidades/particularidades do trabalho com as crianças de 0-3 anos?
3. Atualmente, participas de algum processo de formação continuada?
4. Quais os principais desafios que tu encontra no trabalho com as crianças de 0-3 anos?
 - formação
 - espaço

- tempo
- materiais
- famílias
- interações
- relação entre as profissionais

5. Diante desses desafios, quais as estratégias que tu utilizas?

6. A partir de toda a nossa conversa como tu caracterizas a Docência com os bebês?